

A guerra que ninguém pode vencer

Negociar no meio de crises existenciais sobre territórios está fora de questão. E aguardar pelo cansaço da guerra inclina a não-vitória em que direção?

Jorge Botelho Moniz | Público | 21 de fevereiro de 2023

Em janeiro de 2022 (re)aprendemos novas palavras e expressões: “Ómicron” e “maioria absoluta”. Um mês depois a Rússia invade a Ucrânia e reciclamos outros termos: “guerra na Europa”. É verdade, já passou um ano. Após quase 80 anos de paz duradoura na Europa (se se continuar ignorar a guerra na Jugoslávia), a palavra “guerra” reentrou no nosso vocabulário cotidiano.

Ninguém pode vencer. Para Macron, “a Rússia não pode e não deve ganhar esta guerra”; Biden disse que não irá “negociar seja o que for com a Rússia”; e o principal enviado de Pequim à UE, Fu Cong, alertou para os riscos de se apelar “à vitória completa” da Ucrânia. Ou seja, não se negocia e não se deve ganhar, mas, se se ganhar, que se ganhe por pouco. Humilhar a Rússia torna a ameaça nuclear mais real. Ceder a Crimeia significa a pobreza e insegurança perpétuas da Ucrânia. Negociar no meio de crises existenciais sobre territórios está fora de questão. E aguardar pelo cansaço da guerra inclina a não-vitória em que direção?

Armas? – Não. Quer dizer, talvez. Sim! Três dias após a invasão, a UE anunciou que iria financiar a compra e entrega de armas à Ucrânia. Uma decisão histórica. Passo a passo, a UE continuou a ultrapassar linhas vermelhas: armamento e artilharia pesada, sistema de foguetes de longo alcance, veículos blindados, tanques blindados e aviões de guerra (?). Num ápice, a União da ajuda financeira e humanitária tornou-se, por unanimidade, em algo maior. Os ventos diplomáticos na Europa continuam a soprar na direção da Ucrânia, mas só até outro evento regional/global (conflito nos Balcãs ou em Taiwan, regresso da pandemia ou nova crise migratória) ou uma mudança na opinião pública não tirar o palco principal a Zelensky.

Pela hegemonia da Europa: O conflito é armado, mas é também entre dois modos de vida antagónicos. No futuro próximo, não se espera que Rússia e UE assumam um papel de liderança ao nível global. Este espaço está reservado para EUA e China e para outro (Índia?). Resta-lhes a luta pela Europa, cada um à sua maneira. A da russa mais musculada (ex: Tchecquia, 1999; Geórgia, 2008; Crimeia, 2014; Nagorno-Karabakh, 2020; Cazaquistão, 2022), a da UE mais diplomática (o alargamento como arma geopolítica: dez países candidatos, alguns da ex-URSS e quase todos da antiga esfera de influência soviética).

Eu adiro, eles aderem e a Ucrânia? Há uma década que nenhum país entra na UE, um recorde, desde 1973. Pior, deu-se o “Brexit”. Zelensky quer negociações de adesão neste ano e quer aderir ao bloco em 2026. Contudo, como já disse Macron, a entrada da

Ucrânia deve demorar décadas. O país está ainda longe dos critérios de adesão: estabilidade das instituições (guerra e corrupção) ou economia de mercado funcional (oligarquia). O cumprimento deste calendário é, atualmente, irrealista e implausível, mas a UE não pode dizê-lo abertamente. A adesão à UE é para a Ucrânia a única forma de sobreviver como democracia. Talvez a única forma de sobreviver. É esperado um relatório inicial da Comissão sobre o processo de adesão na Primavera 2023. Aguardemos.

Sanções. O que mais? Desde 2014, após a invasão da Crimeia, que a UE vem impondo sanções à Rússia. Está aí o 10.º pacote. O objetivo continua a ser o progressivo isolamento e enfraquecimento da economia, oligarquia e sociedade russa. Recorde-se que a UE não tem competências em política de segurança e defesa. Sem exército próprio e sem condições para ditar o que se fazer aos Estados-membros, a força da UE reside na dimensão do seu bloco económico. Este é o seu trunfo principal. As sanções continuarão a ser aplicadas, progressivamente, garantindo que a UE não perde o seu instrumento fundamental de pressão.

É previsível que estes sejam alguns dos assuntos a dominar a agenda política europeia do(s) próximo(s) ano(s). Da nossa parte, neste canto do continente europeu, continuaremos a assistir ao quotidiano mediático da guerra e a apoiá-la, à distância, no sofá. Mas quando lhe pedirem mais? E quando lhe pedirem para lutar uma guerra que ninguém pode vencer?

<https://www.publico.pt/2023/02/21/opiniao/opiniao/guerra-ninguem-vencer-2039625>